

Um bom coração como apoio

Mais do que eu pensava, meu pai ajudou-me
a manter o equilíbrio

Por AUGUSTUS J. BULLOCK

Do The Wall Street Journal

QUANDO EU AINDA estava em fase de crescimento, ficava constrangido ao ser visto com meu pai. Ele sofria de grave deficiência física e era mui-

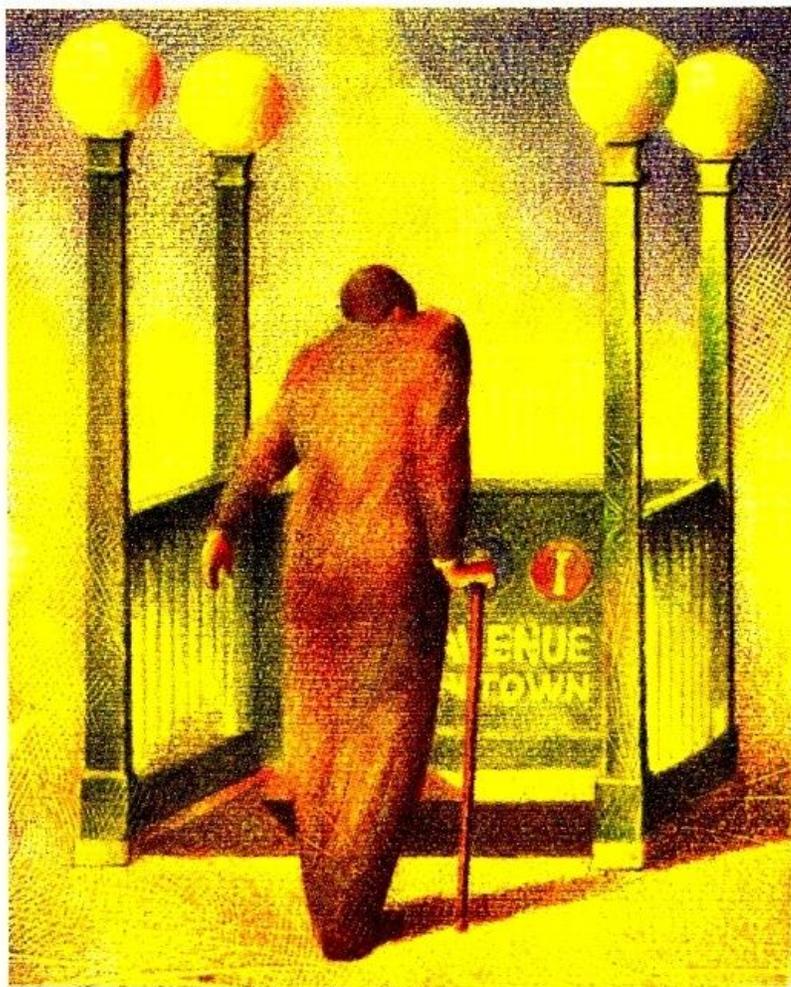
to baixo. Quando caminhávamos, apoiava a mão em meu braço para se equilibrar. As pessoas nos olhavam muito. Eu me contorcía por dentro diante dessa atenção indesejada. Se meu pai algum dia notou isso, nunca o demonstrou.

Era difícil coordenar nossos passos – os dele vacilantes, os meus impacientes – e por essa razão não falávamos muito no caminho. Mas quando saíamos, ele sempre dizia: “Ande em seu ritmo. Vou procurar adaptar-me a ele.”

Nossa caminhada normal limitava-se a ir até o metrô ou voltar dele, pois essa era sua condução para o tra-

balho. Ele ia trabalhar mesmo doente e a despeito do mau tempo. Quase nunca faltava e chegava ao escritório mesmo quando outros não conseguiam. Uma questão de orgulho.

Quando o solo estava coberto por neve ou gelo, era-lhe impossível andar, mesmo com ajuda. Nessas oca-



siões, minhas irmãs ou eu o puxávamos pelas ruas do Brooklyn, Nova York, num trenó até a entrada do metrô. Uma vez lá, ele se agarrava ao corrimão até alcançar os degraus mais baixos, mantidos livres do gelo pelo ar quente do túnel. Em Manhattan, a estação do metrô ficava no subsolo do prédio do escritório dele, e só precisava tornar a sair quando se encontrava conosco a caminho de casa.

Atualmente, quando penso nisso, fico assombrado diante da coragem necessária a um homem para submeter-se a tal indignidade e estresse — sem amargura ou queixas.

Nunca falava de si como objeto de piedade, nem demonstrava qualquer inveja dos mais afortunados ou capazes. O que procurava nos outros era um “bom coração” e, se o encontrava, seu dono lhe parecia bom.

Hoje, mais velho, acredito que seja esse um bom padrão para julgarmos as pessoas, embora ainda não saiba exatamente o que é um “bom coração”. Entretanto, percebo quando não demonstro ter um.

Sem poder exercer muitas atividades, meu pai ainda assim procurava participar. Quando um time de beisebol, jogando em terreno baldio, ficou sem dirigente, ele assumiu a chefia. Era apreciador e entendia de beisebol. Levou-me muitas vezes ao estádio para ver os jogos. Gostava de ir a festas e bailes, onde se divertia só de ficar sentado, observando.

Em certa ocasião, houve briga numa festa na praia. Todos se esmurra-

vam. Não lhe agradava ficar sentado observando, mas não conseguia manter-se de pé sem ajuda na areia mole. Frustrado, começou a gritar: “Luto com qualquer um que queira se sentar comigo!” Ninguém quis. No dia seguinte brincaram com ele dizendo ser a primeira vez que um lutador era instado a levar um nocaute antes mesmo de começar a luta.

Hoje sei que participava de certas experiências indiretamente, através de mim, o filho homem. Quando eu jogava bola (mal), ele também “jogava”. Quando entrei na Marinha, ele também “entrou”. E quando eu ia para casa, de licença, ele fazia questão de que eu visitasse seu escritório.

Ao me apresentar, na verdade estava dizendo: “Este é meu filho, mas também sou eu, e eu poderia ter feito isso também, se tudo tivesse sido diferente.” Essas palavras nunca foram pronunciadas em voz alta.

Ele já se foi há muitos anos, porém penso muito nele. Pergunto-me se teria sentido minha relutância em ser visto com ele durante nossas caminhadas. Se sentiu, tenho pena de nunca lhe ter dito o quanto me arrependi, como fui indigno, como o lamentei. Penso nele quando reclamo de acontecimentos triviais, quando invejo a boa sorte de outros, quando não tenho “bom coração”.

Nessas ocasiões, imagino-me pou-sando a mão em seu braço, para recuperar meu equilíbrio, dizendo: “Ande em seu ritmo. Vou procurar adaptar-me a ele.”
